OBSERVATÓRIO DO DIREITO À ALIMENTAÇÃO E À NUTRIÇÃO

O poder das mulheres na luta por soberania alimentar

SUPLEMENTO

MULHERES, SOBERANIA ALIMENTAR E RESISTÊNCIA

As relações de género moldam os sistemas alimentares. Elas influenciam significativamente o que e como produzimos, trabalhamos e comemos. A opressão de género muitas vezes tem um efeito negativo sobre as mulheres e as pessoas de género não-conformes em todos os estágios dos sistemas alimentares, independentemente de suas contribuições. Do cultivo e colheita ao processamento, transporte e consumo de alimentos, as mulheres desempenham um papel fundamental nos sistemas alimentares e economias. No entanto, ideias e práticas sexistas mantêm seus papéis e necessidades específicas ocultadas dos olhos do público em geral. Das 820 milhões de pessoas afetadas pela fome, as mulheres enfrentam a pior situação, ainda mais quando vivem em sociedades opressivas e são vítimas de exploração e violência.

As relações violentas são centrais para a maneira como os sistemas alimentares predominantes são estruturados. As maneiras pelas quais essas formas de violência se reproduzem também são marcadas pelo género. Governos de direita em ascensão em todo o mundo estão promovendo leis restritivas ao aborto e outras políticas que limitam o acesso a métodos contraceptivos e cuidados de saúde reprodutiva. Discriminação e racismo se traduziram em menos acesso a serviços de assistência social, pobreza aguda e taxas mais altas de insegurança alimentar para mulheres migrantes e mulheres negras. Ao mesmo tempo, o poder das grandes empresas continua a expandir-se dependendo fortemente do trabalho doméstico e da assistência das mulheres, incluindo o cuidado de familiares e outros membros da comunidade (jovens, velhos e doentes), a limpeza e o preparo de alimentos, a busca de água, forragem e combustível.

No entanto, em meio a esse frágil cenário, os movimentos das mulheres continuam inabaláveis, à medida que ampliam seus esforços para organizar sistemas alimentares sustentáveis e socialmente justos. O primeiro passo para superar as relações violentas que moldam os sistemas alimentares começa no próprio lar. Feministas, mulheres negras e os movimentos LGBTQI+ enriquecem a luta pela justiça alimentar, ampliando nossas agendas para incluir diferentes identidades de gênero e experiências baseadas em raça, casta e classe. Essa mudança exige que reinventemos constantemente a resistência, incentivando o reconhecimento e a inclusão, em vez da exclusão dentro dos movimentos.

As histórias retratadas na edição do *Observatório do Direito à Alimentação e à Nutrição* deste ano destacam três etapas cruciais para transformar as relações de género nos sistemas alimentares. A primeira é **DESCONSTRUIR A VIOLÊNCIA** que está na base de nossos sistemas alimentares. A segunda é **SUPERAR A VIOLÊNCIA**, alterando os nossos movimentos para que incluam experiências mais diversificadas. E a terceira é **REFAZER A REALIDADE**, construindo sociedades não-patriarcais e novas relações com os alimentos, a natureza, o trabalho e a política.

DESCONSTRUÇÃO DA VIOLÊNCIA

Qual é a primeira coisa que vem à sua mente quando você ouve falar de **VIOLÊNCIA** contra as mulheres?

Talvez você imagine cenas de violência doméstica, abuso sexual e até mesmo um certo grau de violência económica. Embora essa visão não esteja equivocada, ela reflete uma compreensão da violência limitada às interações diretas entre indivíduos.

O modo como as relações nos sistemas alimentares são configuradas também é fortemente baseado na violência. Quando as pessoas são afetadas de formas adversas pela influência de atores públicos como o Estado e suas políticas, ou privados — como as grandes empresas — em um determinado grupo ou comunidade, também estamos nos referindo à **VIOLÊNCIA**. Esse também é o caso quando as pessoas não têm alternativa a não ser cultivar alimentos em condições de trabalho exploradoras para produzir lucros nos mercados globais, e mesmo assim são as mais afetadas pela fome e pela pobreza.

Para as mulheres, a socialização de género e os papéis de género são centrais na definição de como elas experimentam a violência. Isto é geralmente exacerbado pelas diferentes castas, classes e raças. A seguir, alguns exemplos ilustrativos:

- quando as mulheres são obrigadas a manter relações sexuais com policiais para salvar seus maridos;

- quando, durante e depois de uma desapropriação violenta, as mulheres são violadas por forças de segurança privadas e públicas;

- quando, em meio à fome, espera-se que as mulheres sejam as últimas a comer;

- quando no caso da migração, as mulheres ficam com a responsabilidade de garantir os alimentos para si e suas famílias;

- quando as mulheres não têm acesso à terra devido a normas culturais e/ou legais;

- quando as mulheres não são reconhecidas como pescadoras, mesmo que participem ativamente das atividades de pesca em embarcações e em terra.

Embora os impactos negativos da agricultura industrial e da produção de alimentos afetem mulheres e homens nos sectores mais marginalizados das sociedades, a violência estrutural e a política também têm o efeito concreto de impor mais dificuldades às mulheres. A destruição ecológica, por exemplo, faz com que, em casos de seca e escassez de alimentos, as mulheres tenham que percorrer longas distâncias para encontrar suprimentos para suas famílias, ao mesmo tempo em que realizam diariamente as tarefas não remuneradas de cuidado da família e trabalho doméstico.

UMA MUDANÇA NOS NOSSOS MOVIMENTOS

Se a violência está na base dos atuais sistemas alimentares, a construção de novas relações torna-se um passo crucial para a transformação. O trabalho começa nas nossas próprias famílias.

O movimento pela justiça alimentar não está isento de reproduzir práticas sexistas e excludentes. Por essa razão, torna-se crucial abrir a discussão sobre as maneiras pelas quais as relações de género condicionam nossa luta. Os movimentos das comunidades afrodescendentes e LGBTQI+ sugerem que isso começa no local de produção: o fato de ter nascido com género "feminino" ou "masculino" não deve definir as tarefas que as pessoas devem realizar quando cultivam alimentos.

Para superar as relações patriarcais, os movimentos de alimentos devem se comprometer a lutar contra a discriminação baseada em género e na sexualidade, assim como lutar pelo acesso à terra e por preços justos para os produtos agrícolas. Nossas agendas devem alocar esforços para destacar a invisibilidade das mulheres de cor e de minorias étnicas nas políticas públicas. E devemos promover as habilidades de liderança que incluam chamar a atenção para essas considerações críticas.

Por fim, precisamos convergir e unir forças com outros movimentos. Abordar apenas uma área da luta pela justiça alimentar negligencia as múltiplas formas de violência, pobreza, marginalização e discriminação que afetam as pessoas e as comunidades. Assim, a fim de criar estratégias para políticas alimentares emancipatórias, de acordo com cada contexto específico, os movimentos de defesa do direito à alimentação e soberania alimentar também devem ampliar a luta pelo fortalecimento das relações com os movimentos afrodescendentes e de minorias, considerar a luta pelo direito à alimentação para pessoas não-binárias e compreender as diferentes implicações das dimensões de casta e classe.

RECONSTRUÇÃO DA REALIDADE

As mulheres estão a remodelar a realidade em diferentes partes do mundo, de modo a superar as relações violentas que estão na base dos nossos sistemas alimentares. Apesar de ter de lutar continuamente contra a noção de que a política é apenas para os homens, as mulheres empreendem ações diversificadas para promover mudanças. Elas fazem isso ao confrontar o autoritarismo e se organizar nas ruas, em suas comunidades e ao longo das trilhas da migração. A seguir, alguns exemplos:

1. NAS RUAS: MARCHA DAS MARGARIDAS

No Brasil, a Marcha das Margaridas, realizada todo dia 14 de agosto desde de 2000, é considerada a maior ação de mulheres trabalhadoras do campo contra a violência do agronegócio. Em uma época de adversidade política, em vez de serem desmoralizadas pelas agendas neoliberais e sexistas, essas mulheres que nunca haviam participado de nenhuma organização agora estão prontas para combater a onda conservadora que ameaça seus direitos.

2. NA NATUREZA: AGROECOLOGIA

Há muitas experiências positivas de mulheres que estão a implementar a agroecologia para melhorar a si mesmas e suas comunidades. Na Índia, grupos exclusivamente de mulheres, em colaboração com uma rede de mulheres *Dalit*, conseguiram ressuscitar cerca de 80 variedades tradicionais. A rede de mulheres *Dalit* administra um banco de genes comunitários em 60 aldeias, através das quais podem distribuir sementes. De uma perspectiva feminista, a agroecologia busca transformar as relações entre homens e mulheres e dos seres humanos com a natureza. Isso é feito incorporando respeito, cuidado e solidariedade em todo o sistema.

3. UMA CIDADE DE MULHERES: COMUNIDADE JINWAR

Em curdo, a palavra *jinwar* refere-se a um "espaço de mulheres" ou "terra da mulher", é também o nome de uma cidade construída e dirigida por mulheres curdas. O objetivo da cidade de Jinwar é criar um modo de vida no qual toda mulher possa atingir seu pleno potencial, livre das restrições das estruturas de poder opressivas do patriarcado e do capitalismo. Durante todo esse processo de transformação, as mulheres em Jinwar construíram cooperativas somente para mulheres dentro de seu próprio sistema alimentar. Para elas, a reconstrução de suas casas como refúgio de paz é um ato significativo de resistência diante da violência e da guerra.

QUESTOES PARA ALIMENTAR A REFLEXAO

- → Como você imagina ser a luta feminista por alimentos?
- → Quais são os múltiplos fatores que influenciam sua experiência em relação aos alimentos?
- → Como os sistemas alimentares estão se transformando em sua comunidade devido à migração?
- → Como você avalia as tarefas de cuidado em seus sistemas alimentares?
- → Como você acha que a violência contra as mulheres e os alimentos se relacionam?
- → Quando os opressores resistem à mudança no sistema alimentar, como podemos nos reorganizar e reestruturar as estratégias?
- → Como as mulheres da sua comunidade resistem a um sistema alimentar injusto, e como elas contra-atacam?
- → Como as mulheres estão exercendo sua influência política no lar, nas comunidades e no Estado, a fim de alcançar uma mudança no sistema alimentar?
- → Como podemos tornar a luta pelo direito à alimentação mais inclusiva?

Esta é uma publicação da Rede Global para o Direito à Alimentação e à Nutrição

Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da Comissão Europeia (CE). O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade dos autores e autoras e não pode, de modo algum, ser considerado como um reflexo das posições da CE.

EDITORES

Brot für die Welt
Alemanha

FIAN Internacional
Alemanha

| Responsáveis pela edição: Ian G. Díaz e Andrea Nuila
| Tradução para o português: Di Pinheiro
| Design: Ian Davidson, Marcela Vidal e Àlvaro López

FINANCIADO POR

- Agência Suíça para o Desenvolvimento e a Cooperação (SDC)
- Comissão Europeia (CE)
- FIAN Internacional
- HEKS/EPER (Swiss Church Aid)
- MISEREOR

SETEMBRO DE 2019

Visite o *Observatório do direito à alimentação e à nutrição*:
www.righttofoodandnutrition.org/pt/observatorio

Siga-nos no Facebook
e no Twitter em *#RtFNWatch*

O PODER DAS MULHERES NA LUTA POR SOBERANIA ALIMENTAR

55.9%

dos usuários de banco de alimentos no Reino Unido são mulheres, sendo a maioria mulheres negras e asiáticas.

UMA MUDANÇA NOS NOSSOS MOVIMENTOS

O movimento pela justiça alimentar não está isento de reproduzir práticas sexistas e excludentes. Por essa razão, torna-se crucial abrir a discussão sobre as maneiras pelas quais as relações de género condicionam nosso trabalho e nossa luta. Os movimentos das comunidades afrodescendentes e LGBTQI+ sugerem que isso começa no local de produção: o fato de ter nascido com género "feminino" ou "masculino" não deve definir as tarefas que as pessoas devem realizar quando cultivam alimentos.

Os movimentos de alimentos devem se comprometer a lutar contra a discriminação baseada em género, raça e casta, tal como lutam pela terra.

COMO VOCÊ ACHA QUE A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E OS ALIMENTOS SE RELACIONAM?

Embora os impactos negativos da agricultura industrial e da produção de alimentos afetem mulheres e homens nos sectores mais marginalizados das sociedades, a violência estrutural e a política também têm o efeito concreto de impor mais dificuldades às mulheres. Isto é geralmente exacerbado pelas diferentes castas, classes e raças.

- quando as mulheres não têm acesso à terra devido a normas culturais e/ou legais;
- quando as mulheres não são reconhecidas como pescadoras, mesmo que participem ativamente das atividades de pesca em embarcações e em terra;
- quando o sistema global de alimentos industriais depende dos cuidados diários não remunerados e do trabalho doméstico das mulheres.

Também falámos de **VIOLÊNCIA.**

2137

ataques contra mulheres ativistas, foram registados durante 2016 e 2017 nas Honduras. As mulheres que defendem a terra e os direitos dos povos indígenas são as principais vítimas de ataques.

COMO VOCÊ IMAGINA SER A LUTA FEMINISTA POR ALIMENTOS?

RECONSTRUÇÃO DA REALIDADE

Apesar de ter de lutar continuamente contra a noção de que a política é apenas para os homens, as mulheres empreendem ações diversificadas para promover mudanças. Elas fazem isso ao confrontar o autoritarismo e se organizar nas ruas, em suas comunidades e ao longo das trilhas da migração.

A aldeia de Jinwar

foi declarada "aldeia ecológica de mulheres livres, proporcionando um espaço para as mulheres que perderam os seus maridos e outros parentes na guerra e não têm um lugar apropriado para ficar com os seus filhos. É também um espaço para mulheres que sofreram violência devido à guerra ou outras formas de opressão patriarcal.